

ARTE E EDUCAÇÃO EM HOSPITAIS: OFICINAS DE ARTES NO NÚCLEO DE ESTUDOS DA SAÚDE DO ADOLESCENTE

*Thamires Burlandy da Mota Chagas¹
Cândida Maria B. C. A. Rodrigues²*

Resumo: Esse artigo consiste na apresentação de práticas e experiências oriundas das oficinas do projeto Casa Ateliê, realizadas no setor de atendimento ao adolescente no espaço ambulatorial pertencente ao Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) do Hospital Universitário Pedro Ernesto. Elas têm como objetivo a divulgação da arte e do fazer artístico, além de estimular trocas de experiências e reflexões a partir das linguagens artísticas com os adolescentes a espera pelo atendimento médico. Apontamos ponderações a partir das nossas atividades e vivências as estreitando com as metodologias ativas, valorizando o saber e a história de todos os participantes da oficina com o objetivo de os proporcionar novas vivências através da arte.

Palavras-chave: arte, educação, construtivismo.

1 Thamires Burlandy da Mota Chagas é graduanda em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é bolsista do CNPq no projeto Casa Ateliê coordenado por Denise Espírito Santo. | e-mail: thamires.mota@yahoo.com.br

2 Cândida Bessa é graduanda em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é bolsista do CNPq no projeto Casa Ateliê coordenado por Denise Espírito Santo. | e-mail: canbessa@gmail.com

Introdução: O Projeto Casa Ateliê no NESA

As oficinas de arte que ocorrem no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), dentro do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) são uma continuidade e um desmembramento de outras parcerias do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e de outras unidades do HUPE. Essas oficinas estão relacionadas ao projeto Casa Ateliê: Arte, saúde e educação, que tem o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O projeto Casa Ateliê é uma interface entre as áreas de artes, saúde e educação. Ele tem como proposta ser um espaço experimental de artes voltado para crianças e adolescentes que estão de alguma forma ligados ao Hospital Universitário Pedro Ernesto por questões de saúde em ambulatórios ou enfermarias. O projeto que se inicia em julho de 2018 buscou implementar oficinas com as linguagens plásticas e visuais, voltadas para crianças e os adolescentes com diferentes diagnósticos incluindo em alguns casos os vários espectros do autismo. O projeto Casa Ateliê se constitui, portanto de uma interface entre arte, saúde e educação e está atrelado à pesquisa e produção de metodologias e materiais pedagógicos voltados para um trabalho com pacientes infanto juvenis numa unidade de saúde pública.

No âmbito do projeto são realizadas oficinas de artes no ambulatório do NESA que buscam estimular o interesse das crianças e dos adolescentes para as linguagens artísticas. O projeto tem constituído um espaço de trabalho em sintonia com as diferentes categorias profissionais (assistentes sociais, dentistas, enfermeiros, fonoaudiólogos, médicos e psicólogos) e contribui para a inserção da arte num ambiente hospitalar. A participação nas oficinas não é obrigatória, os participantes são convidados a vivenciar as oficinas de artes visuais, muitas vezes na companhia de seus pais ou responsáveis. Espera-se que eles se predisponham a participar das atividades e contribuam para o desenvolvimento desta pesquisa que envolve estudantes da licenciatura em Artes junto a outros profissionais da saúde.

O presente trabalho pretende apresentar a experiência das oficinas de arte com crianças e adolescentes que ocorrem no ambiente hospitalar, ligado ao NESA, sem se restringir ao atendimento relacionado à saúde mental.

As Oficinas de Arte

Com a nossa experiência nessas oficinas de arte, no ambulatório NESA, temos constatado que é possível levar a arte para um espaço normalmente não esperado. As oficinas se tornam espaços de reflexões que demonstram ser transformadores para os participantes. O NESA é um prédio de três andares para o atendimento predominantemente dos adolescentes; e atuam nele diversos profissionais da área de saúde. Existem trabalhos de rodas de saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Com o projeto Casa Ateliê foram incluídas nesse setor as oficinas relacionadas às artes. O nosso público alvo nas oficinas são os adolescentes em atendimento no NESA, contudo, no decorrer das atividades, a participação foi estendida para as pessoas que acompanhavam os pacientes, desde os pais, ou avós, irmãos mais novos ou mais velhos, enfim, todos os presentes no ambulatório que demonstram interesse em participar.

Segundo nossas expectativas, todos os adolescentes iriam se engajar com esta oportunidade de preencher o tempo ocioso à espera do atendimento de saúde, com práticas prazerosas, oportunidade de experimentar materiais artísticos e técnicas usadas algumas vezes apenas na escola, quando esta oferece esse tipo de material. Com o passar do tempo, percebemos que nem todos os adolescentes se interessam em se envolver com o projeto. A participação nas oficinas demonstrou ser variada. As crianças são as primeiras a se aproximar atraídas pelas tintas e pelos materiais (Figura 01).



Fig. 01: Oficina de arte. Fonte: Acervo Casa Ateliê

Nossas oficinas acontecem num ambiente em que normalmente os jovens, que na maioria dos casos estão acompanhados de seus parentes que são tanto adultos como crianças, esperam pelo atendimento por muito tempo, às vezes por horas. Com isso, eles ficam entediados por permanecerem sentados em frente a uma televisão que exibe sempre a mesma programação. Quando chegamos e convidamos a todos para participarem de uma atividade que extrapola a normalidade monótona do contexto, temos esse tempo vago de espera e a curiosidade dos pacientes e acompanhantes ao nosso favor.

Os participantes chegam com níveis de interesse e bagagem de conhecimento diversos. Alguns participam pela curiosidade, outros não acreditam que são capazes, e ainda alguns, por possuírem maior domínio da atividade plástica proposta no dia, criam algo mais do que é esperado. Nesse aspecto são levantadas reflexões pelo grupo, e percebemos trocas de experiências e interesse pelo trabalho do outro. As histórias se tornam parte no fazer das oficinas, sem que tivéssemos essa intenção prévia. Os participantes compartilham conosco e com os demais integrantes alguns

dos seus conhecimentos, contam sobre as suas vidas, histórias de amigos e parentes o que registram em desenhos e pinturas. No final, a maioria gosta de expor o seu trabalho no nosso mural, dando a oportunidade de ele ganhar a visibilidade de outras pessoas que passam por lá.

Eles se tornam, com a troca de diálogos e imagens, agentes ativos de reflexão sobre algumas situações do cotidiano. O encontro de várias pessoas de lugares diferentes do Estado do Rio de Janeiro, com realidades sociais, econômicas e culturais distintas, nos traz ponderações inesperadas por causa dos pontos de vista muito diferentes. Somos beneficiadas com esta prática, pois ela é uma via fluida de mão dupla de informações e experiências.

Nesse sentido, nossas práticas se estreitam com a teoria construtivista, pois a:

troca do repasse da informação para a busca da formação do aluno; é a nova ordem revolucionária que retira o poder e autoridade do mestre transformando-o de todo poderoso detentor do saber para um “educador – educando”, segundo as palavras de Paulo Freire, e esta visão deve permear todo um “ambiente construtivista” (ARGENTO, s/d., p.12).

Ensinaamos e aprendemos a ensinar no mesmo espaço-tempo. Na medida em que agimos recebemos reações que nos indicam os caminhos que devemos seguir, por exemplo, ao tratar de um determinado assunto na roda da oficina, recebemos em troca relatos de experiências, histórias, que assim iluminam as linhas da rede de conteúdos possíveis para trilharmos em busca de uma nova experiência interessante para os participantes. Na oficina sobre pintura de corpos diferentes, onde iniciamos a discussão sobre a estética do corpo humano, tivemos a participação da mãe de um paciente que pintou conforme a proposta de produzir um corpo fora dos padrões e nos trouxe uma reflexão diferente da qual estávamos tendo com a inscrição: “um corpo preso no caos da sociedade” (Figura 02).



Fig. 02: “Um corpo preso no caos da sociedade”. Fonte: Acervo Casa Ateliê

O contrário também acontece: os participantes sugerem práticas diferentes da proposta e a partir dela tecemos novas reflexões, como ocorreu na oficina de pintura da Mandala dos Desejos, onde o objetivo primário era desenhar e pintar representações de desejos de cada um. Neste caso, a prática se expandiu para a área da experimentação dos materiais, como as colas coloridas, giz a óleo, criando imagens que extrapolam os desejos, transformando-se em abstrações, formas, cores e texturas.

O que constatamos, cada vez mais, é que a aprendizagem por meio da transmissão é importante, mas a aprendizagem por questionamento e experimentação é mais relevante para uma compreensão mais ampla e profunda. (MORAN, 2018, P. 2).

Estamos constantemente aprendendo também com os nossos desafios, e um deles é trazer o público alvo, os adolescentes que estão a espera pelo atendimento dos profissionais da saúde, para discutir e fazer conosco nossas propostas oriundas do campo da arte. Ao falar sobre suas experiências, todos igualmente ouvem os demais. Este momento propicia uma reflexão coletiva a respeito da alteridade. A prática de levar a arte em seu sentido mais amplo para o espaço da oficina no hospital, onde habitualmente não se trabalha esta linguagem, pode e já é feita em outros contextos, como é o caso de oficinas de artes em comunidades. Por conta disso, é uma necessidade atual dos professores que atuam nessas áreas, investigar metodologias que despertem o interesse e engajamento dos integrantes.

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos para os quais trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las. (MORAN, 2018, P. 6).

Diante deste panorama, tivemos aderências diferenciadas de acordo com a proposta das oficinas, ao convidarmos não somente os jovens, mas todas as pessoas presentes no ambulatório. Adolescentes e crianças demonstraram interesse imediato com as oficinas de colagem e Mandala. Já as oficinas de Mandalas de lã, onde ensinamos a técnica necessária para produzi-las, as responsáveis pelos adolescentes demonstraram interesse tanto quanto eles, às vezes até mais, vindo a participar primeiro e encorajando os filhos a fazer o mesmo. Já com as oficinas de pintura, atingimos mais as crianças presentes no ambulatório. Nestas oficinas, percebemos que parte dos jovens ficou mais interessada no celular do que em participar, como se pintar fosse coisa apenas para crianças.

A diversidade etária das oficinas nos incentiva a aprender a diferenciar e adequar as metodologias que mais servem para cada participante. Por exemplo, ao explicar os procedimentos de feitura da Mandala de lã,

os adolescentes compreendem mais rapidamente a técnica solicitada e trabalham simultaneamente. As crianças, no entanto, demandam mais tempo de compreensão e, com isso, um auxílio mais personalizado. Nesse sentido, temos a possibilidade de aprender algo novo tendo como base as nossas experiências na formação de esquemas de conhecimento. Este processo pode ocorrer durante toda a nossa vida.

[...] numa perspectiva de equilibração, deve procurar-se nos desequilíbrios uma das fontes de progresso no desenvolvimento de conhecimentos, pois só os desequilíbrios obrigam um sujeito a ultrapassar o seu estado atual e procurar seja o que for em direções novas...” (Piaget, O Desenvolvimento do Pensamento). [...] é o desequilíbrio que produz a motivação necessária para o sujeito buscar o conhecimento capaz de promover o retorno à sua condição de equilíbrio anterior. É a urgência em restabelecer sua capacidade de organizar a experiência, de interpretá-la, que alimenta os esforços em direção a uma equilibração de melhor qualidade e alcance. Isto posto, apenas o sujeito pode atuar com a intenção de restabelecer sua compreensão. (SILVA, 2012, p.211)

Nós também criamos desafios para os participantes, podendo talvez levar algum deles ao processo no qual Piaget (1975) define como assimilação:

[...] é o processo cognitivo pelo qual uma pessoa integra (classifica) um novo dado perceptual, motor ou conceitual às estruturas cognitivas prévias (WADSWORTH, 1996). Ou seja, quando a criança tem novas experiências (vendo coisas novas, ou ouvindo coisas novas) ela tenta adaptar esses novos estímulos às estruturas cognitivas que já possui. O próprio Piaget define a assimilação como (PIAGET, 1996, p. 13): (...) uma integração a estruturas prévias, que podem permanecer invariáveis ou são mais ou menos modificadas por esta própria integração, mas sem descontinuidade com o estado precedente, isto é, sem serem destruídas, mas simplesmente acomodando-se à nova situação. (ARGENTO, s.d., p.5).

Quando, por exemplo, propomos a oficina de ponto, linha e cor com o objetivo de os adolescentes produzirem figuras sobre o papel apenas com linhas de lã coloridas, naquele instante estamos trazendo à tona o conhecimento prévio deles sobre desenho. Ao utilizarem as estruturas motoras (riscar, pintar, articular) e intelectuais (técnicas, imaginação) que já possuem, eles tentam se adaptar a uma nova estrutura: o desenho feito de linha de lã. Adaptam-se à ausência de um instrumento previamente conhecido por eles e que seria responsável por pigmentar o papel. E aprendem a lidar com a maleabilidade da linha, quando ela própria se torna a coloração do papel.

No entanto, quando propomos a oficina de Mandalas de lã, nenhum participante demonstrou saber previamente como confeccioná-la. Foi necessário ensiná-los a técnica essencial para se obter o modelo proposto da Mandala. No entanto, nos escapa a certeza sobre a estrutura inédita adquirida por eles com a técnica, pois cada participante possui suas experiências anteriores que também poderiam os levar ao resultado desejado. Se houve um aprendizado inédito entre os participantes, pode ter desencadeado o que (PIAGET, 1975) define como acomodação:

[...] a acomodação acontece quando a criança não consegue assimilar um novo estímulo, ou seja, não existe uma estrutura cognitiva que assimile a nova informação em função das particularidades desse novo estímulo (NITZKE *et alli*, 1997). Diante deste impasse, restam apenas duas saídas: criar um novo esquema ou modificar um esquema existente. Ambas as ações resultam em uma mudança na estrutura cognitiva. Ocorrida a acomodação, a criança pode tentar assimilar o estímulo novamente, e uma vez modificada a estrutura cognitiva, o estímulo é prontamente assimilado. (ARGENTO, s.d., p.6)

Já para as oficinas de pintura com guache, correndo o risco de todos já terem tido uma experiência com tinta e pincel, utilizamos a estratégia de disponibilizar apenas tintas de cores primárias. Isto levou os adolescentes a solucionar a ausência das cores secundárias, terciárias, e assim por diante,

criando e experimentando misturas de tintas. Avaliamos positivamente o resultado, tendo muitos dos participantes se engajados mais com a feitura de novas tonalidades do que com a própria pintura. Nesta perspectiva constatamos conforme José Moran que:

A aprendizagem mais profunda requer espaços de prática frequentes (aprender fazendo) e de ambientes ricos em oportunidades. Por isso, é importante o estímulo multissensorial e a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes para “ancorar” os novos conhecimentos. (MORAN, 2018, P. 3).

Neste sentido, não há preocupação de os adolescentes manterem o foco na proposta inicial da oficina, pois o que mais nos interessa é proporcionar experiências novas a eles, ou seja, uma interação do sujeito com o objeto, sendo esta uma iniciativa própria deles. Desta maneira, eles se apropriam do objeto e do meio criando novos artefatos e novas reflexões relevantes para si. Segundo Lilian Bacich e José Moran:

As pesquisas atuais nas áreas da educação, psicologia e neurociência comprovam que o processo de aprendizagem é único e diferente para cada ser humano, e que cada um aprende o que é mais relevante e que faz mais sentido para ele, o que gera conexões cognitivas e emocionais. Metodologias ativas englobam uma concepção do processo de ensino e aprendizagem que considera a participação efetiva dos alunos na construção da sua aprendizagem, valorizando as diferentes formas pelas quais eles podem ser envolvidos nesse processo para que aprendam melhor, em seu próprio ritmo, tempo e estilo. (BACICH e MORAN, 2018, p. VX).

Isso ocorreu com frequência na oficina de Pintura de Corpos Diferentes, onde nós instigamos os participantes a pintarem pessoas com corpos fora dos padrões de beleza. As crianças pequenas normalmente fazem os desenhos

que já estão acostumados a fazer, independentemente de estarem ou não dentro da proposta. Nesses casos, como ainda estão desenvolvendo suas habilidades psicomotoras, já consideramos válida a experiência. Por outro lado, os adolescentes comumente integram a proposta, mas há aqueles que não atendem a recomendação e pintam conforme seus desejos. Assim, tivemos desde pinturas abstratas a protestos, como foi o caso de um jovem que pintou uma estrada que atravessava toda a extensão da folha, três barracos pequenos no alto e uma inscrição “As favelas pede paz”.



Fig. 03: “As favelas pede paz”. Fonte: Acervo Casa Ateliê

A superfície de uma folha se torna então, uma janela para exteriorizar algo particular no qual queiram compartilhar com orgulho ou denunciar

com revolta, como o caso desse jovem. Com isso, podemos perceber a possibilidade de fazer e causar uma sensibilização através de uma imagem feita apenas com quatro elementos organizados de forma esquemática. Este em questão possui apenas o céu azul, os três barracos vermelhos, a estrada e nos arremata com esta inscrição. Definitivamente não se é necessário saber técnicas avançadas do campo da arte para se expressar artisticamente.

Considerações Finais

A Casa Ateliê se torna, sem pretensão, um espaço de acolhimento para estimular e divulgar o conhecimento das artes, de alguns conhecimentos técnicos e do conhecimento formal da história das artes, dos artistas e alguns conceitos. É um espaço de acolhimento para que sejam afastados os sentimentos de insegurança, baixa autoestima e incapacidade. Esse espaço torna o fazer plástico prazeroso e desperta o desejo de experimentar novas linguagens. Como o fazer plástico não tem um único caminho, ao contrário, é estimulado o encontro da linguagem e da técnica do material para criar algo particular, e aumentar a sua troca de experiência do fazer com os demais, bem como as suas reflexões sobre aquela vivência e a vida.

Referências:

AMARANTE, P. *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

ARGENTO, H. *Teoria Construtivista*. Cognição e multimídia, s.d. Disponível em: <<https://bit.ly/2LhH294>>. Acesso em 13 fev. 2019.

BACICH, L.; MORAN, J. (Org.) *Apresentação In: Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora*. Porto Alegre: Penso, 2018.

MORAN, J. (Org.) A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: Uma experiência com a graduação em midialogia. In: Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora. Porto Alegre: Penso, 2018.

NITZKE, J.; CAMPOS, M. e LIMA, M. “Teoria de Piaget”. In Piaget. 1997.

PIAGET, J. *A equilibração das estruturas cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J. *Biologia e Conhecimento*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Sérgio Antônio da. “Conflito Cognitivo: Herói ou Vilão?” In: Schème - Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas. Marília: Unesp, vol. 4, n.1, jan. -jul. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2L1ULyE>> Acesso em: 10 abr. 2019.

WADSWORTH, B. *Inteligência e Afetividade da Criança*. 4ª ed. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1996.

Imagens:

CHAGAS, T. “Um corpo preso no caos da sociedade”. 2018. Fotografia. Rio de Janeiro.

CHAGAS, T. “As favelas pede paz”. 2018. Fotografia. Rio de Janeiro.

MELLO, A. Oficina de arte. 2018. Fotografia. Rio de Janeiro.